Nirvāṇa Upaniṣad
(Ṛgveda. Nº 47. Saṃnyāsa)

Nirvāṇa significa 'perfeita calma ou repouso ou felicidade, bem-aventurança suprema ou beatitude', 'extinção, cessação, ocaso, desvanecimento, desaparecimento', e também 'extinção da chama da vida, dissolução, morte ou emancipação final da matéria e reunião com o Espírito Supremo'. – Monier-Williams.

A Nirvāṇa Upaniṣad é uma das Saṃnyāsa Upaniṣads, termo utilizado para designar um grupo de Upaniṣads que tratam da renúncia (saṃnyāsa). Esse termo foi utilizado pela primeira vez por Paul Deussen em sua tradução alemã das *Sessenta Upaniṣads*. 'Essas Upaniṣads fornecem a base na revelação vêdica para a instituição da renúncia e para as regras e práticas associadas a esse estado', diz Patrick Olivelle, que as traduziu para o inglês[1]. Esta tradução em português vem da tradução dele, exceto a Invocação. As notas, devido ao seu volume como comparadas com o texto, seguem a numeração dos aforismos, estando ao final do texto com links de retorno para os versos.

Eleonora Meier
Dezembro de 2016.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que Esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador, que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja Paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

---

[1] *Saṃnyāsa Upaniṣads*, Oxford University Press, Nova Iorque, 1992.

1. Agora vamos expor a Nirvāṇa Upaniṣad.

2. "Eu sou o Paramahaṃsa", (aqueles que sabem isso) são viajantes; eles usam o emblema final e governam o campo da paixão.

3. O céu é sua crença.

4. A onda de imortalidade é seu rio.

5. O Imperecível é sua pureza.

6. Aquele que é livre de dúvidas é seu vidente.

7. Aquele que é liberto é seu deus.

8. Indivisível é sua atividade.

9. Seu conhecimento é do absoluto.

10. A mais alta é sua escritura.

11. O sem suporte é seu assento.

12. A união é sua iniciação.

13. A separação é sua instrução.

14. E a alegria da iniciação é sua purificação.

15. Ele vê os doze sóis.

16. O discernimento é sua proteção.

17. Só a compaixão é seu passatempo.

18. Bem-aventurança é sua guirlanda.

19. Livre do assento, o deleite que ele sente dentro da caverna da solidão é sua companhia.

20. Ele come esmolas obtidas ao acaso.

21. Haṃsa (cisne) é sua prática.

22. Seu ensinamento é: "O *haṃsa* (cisne) reside coração de cada ser".

23. A fortaleza é seu traje remendado.

24. A equanimidade é sua tanga.

25. A investigação é seu bastão.

26. A visão de Brahman é sua faixa de yoga.

27. A felicidade é suas sandálias.

28. Sua conduta segue os desejos dos outros.

29. Kuṇḍalinī é seu vínculo.

30. Aquele que está livre das injúrias dos outros é um homem que está liberto enquanto vivo.

31. Śiva é o sono do yoga, e *khecarī* é sua *mudrā*.

32. Sua felicidade é suprema.

33. O que é livre dos três fios deve ser atingido pelo discernimento; ele está além do alcance da mente e da fala.

34. O mundo é impermanente, pois ele é produzido. Ele é similar a um mundo de sonho, uma nuvem [em forma] de elefante, e semelhantes. Consequentemente, a infinidade de coisas como o corpo, formado pela teia dos fios de ilusão, é produzido pela imaginação assim como a cobra-corda, e é chamada por centenas de nomes como Viṣṇu e Vidhi.

35. O aguilhão é seu caminho.

36. Seu lema não é vazio,

37. mas a existência do Senhor Supremo.

38. A união com a verdade e com o perfeito é seu mosteiro.

39. A morada dos deuses não é sua verdadeira natureza.

40. O Brahman primordial é autoconhecimento.

41. O seu não-proferido é o Gāyatrī.

42. Ele deve ter em sua mente o bastão que controla as agitações mentais.

43. O que suprime a mente é seu traje remendado.

44. Pela prática de yoga, ele vê a natureza do Ser e da Bem-aventurança.

45. Ele come as esmolas da bem-aventurança.

46. Embora ele esteja em um vasto cemitério, ele vive como se estivesse em um bosque feliz.

47. Um lugar solitário é seu mosteiro de felicidade.

48. Seu estado é a mente em transe.

49. Seu comportamento é reservado.

50. Seu rumo é a mente em transe (s. 48).

51. Seu corpo imaculado é a base do sem suporte (s. 11).

52. A onda de imortalidade é sua atividade de bem-aventurança (s. 4).

53. O céu claro é sua grande crença (s. 3, nota).

54. Seu corpo e sentidos são hábeis na prática das virtudes divinas, como tranquilidade e autocontrole.

55. Nele ocorre a união entre o eu supremo e o eu inferior.

56. A sílaba OṂ é sua instrução (s. 13).

57. A Existência e Bem-aventurança não-dual é sua divindade (s. 7).

58. A restrição de seus sentidos internos é sua prática.

59. O abandono do medo, desilusão, tristeza e raiva constitui seu abandono.

60. Ele prova a doçura da unidade do eu supremo e o eu inferior (s. 55).

61. Da ausência de restrições é derivado seu poder imaculado.

62. Na essência autoiluminada de Brahman ele penetra o mundo fenomênico envolto pelo poder de Śiva, e da mesma forma com o olho de Viṣṇu, que é o seu pote de água (s. 66), ele queima o processo de vir a ser e deixar de ser.

63. Śiva, o quarto, que é o esteio do universo e do espaço, é seu fio sacrifical.

64. Seu coque consiste no mesmo.

65. E seu bastão de libertação consiste em consciência.

66. O olho de Viṣṇu é seu vaso de água (s. 62).

67. O desenraizamento da ação (karma) é o seu traje remendado.

68. Ele queima ilusão, egoísmo e egocentrismo; assim no cemitério seu corpo permanece intacto.

69. A contemplação da verdadeira natureza do que é livre dos três fios remove dele o erro das práticas convencionais.

70. Ele queima luxúria e disposições similares.

71. A firmeza é sua tanga apertada.

72. Cascas e pele de antílope são suas roupas.

73. O sem som é seu mantra (s. 41, nota).

74. Não-ação é seu prazer.

75. Ele se comporta como ele quer (s. 61, nota).

76. Sua própria natureza é sua libertação.

77. Sua rota é equipada com a balsa que leva ao mais alto Brahman.

78. Ele adquire castidade e tranquilidade.

79. Tendo estudado na ordem de um estudante e tendo estudado na ordem de um eremita, ele chega à renúncia, que é o abandono de todas as posses.

80. No final, ele obtém o indivisível Brahman e a eterna destruição de todas as dúvidas.

81. Esse ensinamento sobre a libertação (nirvāṇa) não deve ser comunicado a alguém que não seja um discípulo ou um filho.

82. Esse é o ensinamento secreto.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que Esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador, que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja Paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

Aqui termina a Nirvāṇopaniṣad, como contida no Ṛgveda.

NOTAS

1. As frases desse texto têm as características do estilo aforístico (*sūtra*) comumente utilizado na literatura técnica ritual e outras. ◄

2. Provavelmente "Paramahaṃsa" aqui se refere ao Eu mais alto (*paramātman*) e não à classe de ascetas chamada por esse nome, embora possa haver um duplo sentido. "Emblema final" refere-se a um emblema de renunciante, que consiste de itens tais como o bastão e a tigela de mendicância. Sobre o mantra *so'ham* veja *Nārada-Parivrājaka Upaniṣad* 6.4, nota. O emblema é chamado "Final" ou porque a ordem de renunciante é a ordem final da vida ou, de acordo com Schrader, porque como uma pessoa iluminada esta será a sua vida final. O termo sânscrito *liṅga*, no entanto, também pode significar pênis. A frase significaria então que o seu pênis pende frouxo, ou seja, que eles não são excitados sexualmente. "O campo da paixão" refere-se aos sentidos nos quais a paixão em relação aos seus objetos é gerada. O significado, portanto, é que eles controlam seus sentidos. ◄

3. "Céu" é uma metáfora para a consciência, que é abrangente e indivisível como o céu (*Maitreya Upaniṣad,* 2.14-15). O significado parece ser que ele não adere a nenhuma tradição específica de crença ou doutrina; a sua própria consciência, que está identificada com a consciência absoluta de Brahman, é sua única crença. Estes aforismos estão compostos em estilo nominal, muitas vezes mesmo sem verbos copulativos. Uma tradução, naturalmente, não pode refletir o sânscrito conciso; uma diferente estrutura de frase é necessária para o entendimento. Eu optei por usar o singular na tradução em inglês neste e nos *sūtras* seguintes embora o texto comece (s. 2) com uma declaração no plural e as frases nominais muitas vezes não deem nenhuma indicação quanto ao número. A razão para adotar o singular é que, quando o número pode ser detectado, ele está sempre no singular. Em um esforço para tornar a tradução legível e esteticamente agradável eu não coloquei entre parênteses "seu" ou os verbos, embora eles não apareçam no original em sânscrito. ◄

4. Essa é uma aparente referência aos ritos de ablução purificatória. Ele não precisa de um rio externo para se banhar: as ondas de imortalidade que o engolfam por dentro constituem o rio que o lava continuamente. ◄

6-7. Esses *sūtras* parecem alegorizar o estado além-ritual de um renunciante liberto. Antes de recitar qualquer mantra, uma pessoa normalmente tem que anunciar o nome do vidente que o compôs e a divindade ao qual ele é dirigido. "Aquele que é livre de dúvidas" e "aquele que é liberto" desses dois *sūtras* provavelmente se referem ao próprio renunciante. Como um renunciante não pronuncia mantras audíveis, assim o seu vidente e divindade são o seu próprio eu. ◄

8. Podemos ver aqui também uma alegoria do estado além do ritual. A atividade ritual (*pravṛtti*) é dividida em numerosas partes, enquanto que a atividade de um renunciante liberto é indivisível e não tem partes, pois consiste apenas na reflexão mental sobre a unidade de toda a realidade. Por isso, ela é chamada de não-atividade (*nivṛtti*). ◄

10. "Mais alta", de acordo com Schrader, refere-se à seção superior, ou última, do Veda, mais conhecida como *jñānakāṇḍa* ("seção sobre o conhecimento"). Os renunciantes estudam apenas essa parte e não a seção sobre rituais (*karmakāṇḍa*) Veja *Āruṇi Upaniṣad*, v. 2, nota. ◄

11. Algumas dessas referências rituais parecem estar no contexto da iniciação de um estudante vêdico. O assento de um estudante é uma camada de grama sagrada. O assento do renunciante, no entanto, consiste naquilo que não tem apoio, e que é o suporte de tudo, ou seja, Brahman. ◄

12. A união com Brahman constitui a iniciação do renunciante. ◄

13. A capacidade de distinguir o eu do corpo é a separação. A instrução provavelmente se refere à transmissão de um mantra na iniciação. ◄

14. Esse *sūtra* remete ao s. 12. A união com Brahman é sua iniciação, e a alegria que resulta disso constitui sua purificação. Ele não precisa de ritos de purificação externos. Veja também o s. 4. ◄

15. Espera-se que doze sóis apareçam no fim do mundo. Para uma pessoa iluminada, no entanto, o fim do mundo já está muito próximo, porque ele reconhece a sua natureza ilusória. ◄

16. Ele discrimina entre o eu e o que não é o eu. Aquele que tem esse discernimento não tem nada a temer, pois não há nada fora de si mesmo. "Proteção" aqui pode se referir aos amuletos que as pessoas comuns usam para se proteger contra o mal. ◄

17. Passatempo (*keli*) é qualquer atividade desportiva ou recreativa que alguém realiza por prazer ou diversão. ◄

18. Bem-aventurança é uma das características definidoras de Brahman. A guirlanda que lhe dá alegria não é feita de flores: ela consiste na bem-aventurança de Brahman que ele sente. ◄

19. O termo *muktāsana* não é claro. Schrader o explica como "aquele que abandonou o assento", isto é, aquele que não tem suporte porque ele está estabelecido em Brahman (veja acima s. 11). Segundo Upaniṣadbrahmayogin, isso significa que ele abandonou o uso de todas as posturas de yoga. Esse também é o nome de uma postura yôguica também conhecida como *siddhāsana*. Se tomarmos esse significado, a tradução será: "O deleite que ele experimenta na postura do liberto dentro da caverna..." Schrader considera que "solidão" (*ekānta*) significa Brahman, que é a "caverna" na qual a pessoa liberta medita. ◄

20. [‘(Eles) subsistem de alimentos não preparados (especialmente para eles)’. – A. A. Ramanathan]. ◄

21. O significado não é totalmente claro. Schrader explica que o asceta deve vaguear como um cisne. É mais provável, contudo, que a frase *haṃsācāraḥ* se refira ao mantra *haṃsaḥ so'ham* (*Nārada-Parivrājaka Up.* 6.4, nota), que se

espera que os Paramahaṃsas recitem (veja acima s. 2). Essa interpretação é mais provável porque o próximo *sūtra* parece ser um comentário sobre isso.

['Sua conduta está em consonância com a realização da unidade do Eu e Brahman (Haṃsa)'. - A. A. Ramanathan. Veja também a *Nādabindu Upaniṣad*, 5b-6a]. ◄

22. O cisne aqui refere-se a Brahman. ['Brahman está presente em todos os seres'. – A. A. Ramanathan]. ◄

23. Esse e os *sūtras* seguintes contêm alegorias da parafernália comum de um renunciante. ◄

26. ['A visão de Brahman (como não-diferente do Eu)'. – A. A. Ramanathan].

Essa é uma faixa de tecido usada por ascetas durante os exercícios de yoga. A investidura ritual com esse tecido marcava uma espécie de ordenação mais alta dos ascetas bramânicos. ◄

28. Ele realiza atos habituais como o banho não porque é necessário que ele o faça, mas porque ele quer respeitar os desejos dos outros. ◄

29. "Vínculo" (*bandha*) é usado aqui, provavelmente, no sentido técnico de *mudrābandha*, que se refere a certas posturas corporais místicas do tantrismo que se destinam a unir o praticante com o espírito mais elevado. Kuṇḍalinī é o nome do poder feminino que reside na base do corpo na forma de uma serpente enrolada. A liberação deste poder e sua união com o poder masculino residente acima da cabeça é a meta do caminho tântrico. ◄

30. Há um jogo com a palavra *mukta* ("livre de algo" ou "liberto"). A expressão *parāpavādamuktaḥ* não é totalmente clara. Livre das injúrias dos outros pode significar que os outros não o injuriam, ou que ele não é afetado pela por tal ultraje. Como aponta Schrader, no entanto, isso também pode significar que o asceta desistiu de criticar os outros. ◄

31. ['A unidade com Śiva é seu sono'. – A. A. Ramanathan].

Mudrā não é utilizada apenas em relação aos místicos gestos das mãos, mas também com o significado de posturas corporais. Por meio da *khecarīmudrā*, o iogue desperta o poder que reside na *Kuṇḍalinī* e faz o ar vital (*prāṇa*) subir através do duto (*nāḍi*) chamado *suṣumṇā*. Para uma descrição dessa *mudrā*, veja *Haṭhayogapradīpikā* de Svātmārāma (Madras: Biblioteca e Centro de Pesquisa de Adyar, 1972), 4-43 e seg., em 4.49 ela afirma que a *khecarīmudrā* deve ser praticada até que se experimente o sono do yoga. Veja também *Tantrāloka* de Abhinavagupta, 29.150-160, traduzido e comentado por Silburn, 1988, 198-202. ◄

33. Os três fios são as categorias Sāṃkhya de bondade, energia e escuridão (sattva, rajas tamas), que constituem a natureza primordial (prakṛti). O que está livre dos fios é a alma (Puruṣa). Sobre o discernimento veja a nota do s. 16. ◄

34. O Vedānta Advaita muitas vezes identifica a origem do universo material (*prakṛti*) em cosmologia Sāṃkhya com a ilusão (*avidyā* ou *māyā*), a fonte da realidade imaginada de acordo com o Vedānta Advaita. Os fios de ilusão são os fios de *prakṛti* (s. 33). A "cobra-corda" é o exemplo clássico Advaita de confusão

de identidade. Alguém vê a corda, mas equivocadamente a toma por uma cobra, assim como alguém vê Brahman, a única realidade, e equivocadamente considera que ele é o mundo. Vidhi é outro nome para o deus criador Brahmā.

[O último trecho do *sūtra*, segundo A. A. Ramanathan: ‘A (adoração dos) deuses chamados Viṣṇu, Brahmā e cem outros culmina (em Brahman)’]. ◄

35. Um treinador de elefantes usa um aguilhão para manter o elefante no caminho certo. O controle da mente e dos sentidos mantém o asceta no caminho da libertação. ◄

36-37. Essa é uma aparente referência à Escola do Vazio [a Doutrina da Inexistência] (*śūnyāvada*) do budismo. ◄

38. Verdade aqui significa Brahman. O significado de "o perfeito", por outro lado, não é claro. Schrader, seguindo a *Nirālamba Upaniṣad*, explica-o como uma referência às pessoas libertas. No entanto, ele pode ser usado aqui como sinónimo de verdade com relação a Brahman. Para símiles com um mosteiro veja o s. 47 e a *Maitreya Upaniṣad* 2.16. ◄

39-40. A verdadeira natureza de Brahman não consiste no céu onde os deuses residem. Brahman é consciência pura, isto é, autoconhecimento de si mesmo de Brahman. Em relação ao duplo significado da *saṃvid* ("consciência" e "propriedade") na literatura sobre a renúncia, veja o s. 79. ◄

41. "O não-proferido" parece ser um termo técnico para o mantra *haṃso*. Veja *Nārada-Parivrājaka Upaniṣad*, 6.4. Para Gāyatrī, veja *Āruṇi Upaniṣad*, v. 2.

[‘(O asceta) deve meditar sobre a ausência de distinção, baseado no Gāyatrī através do Mantra Ajapa’. – A. A. Ramanathan]. ◄

42. Essa é uma variante da alegoria comum do bastão do renunciante, usando o significado secundário de *daṇḍa* como controle e punição. Veja acima s. 25. ◄

43. Em vez do traje externo que protege contra o frio, o renunciante usa internamente a contenção de yoga que suprime a atividade mental. ◄

46. Schrader explica o vasto cemitério como o mundo em que as pessoas são constantemente mortas pela ação do tempo. Embora um renunciante viva neste cemitério, ele é cheio de alegria como se estivesse em um bosque agradável, porque ele tem a visão de Brahman. ◄

48. O termo *unmanī* refere-se ao último estado de consciência alcançado por um iogue, quando a mente não é perturbada por nenhum pensamento e é fundida com a consciência absoluta. A *Haṭhayogapradīpikā* (4.106) descreve esse estado: "Durante o estado de *unmanī* o corpo torna-se absolutamente como um tronco de madeira e o iogue não ouve nem mesmo o som de uma concha ou de um tambor". O termo também pode significar um estado de frenesi e loucura muitas vezes associado com o comportamento de um asceta. Veja abaixo s. 50. ◄

49. O significado do termo *śāradā* não é totalmente claro. Upaniṣadbrahmayogin considera que ele significa o conhecimento de Brahman (*brahmavidyā*), o que é bastante improvável. Ele se refere, provavelmente, ao fato de que se esperava

que os ascetas mantivessem sua conduta escondida de modo a não atrair o louvor do mundo. ◄

55. Ele percebe em si mesmo a identidade entre Brahman e o ser individual. ◄

58. Sobre as observâncias menores e maiores, veja *Nārada-Parivrājaka Up.* 6.30, nota. Esse sūtra e o seguinte indicam que observâncias externas e o abandono de coisas externas são substituídas por virtudes internas. ◄

61. Sobre o estado antinomiano de um asceta liberto, veja abaixo s. 75. ◄

62. O poder de Śiva provavelmente se refere à ilusão cósmica (*māyā*), sob a forma da natureza primordial (*prakṛti*), que produz o mundo fenomênico. O processo de vir a ser e deixar de ser é a natureza transitória e em constante mudança do mundo dos fenômenos e se refere especialmente ao processo de morte e renascimento. Viṣṇu é citado aqui pelo epíteto "de olhos de pétalas"; seu olho é aqui identificado com o vaso de água do renunciante. Schrader interpreta que o olho de Viṣṇu significa o "sol da consciência" (*cidāditya*) que nunca se põe e ilumina a escuridão da ignorância (*Maitreya Upaniṣad,* 2.14-15). Desse modo 'queima' aqui podem ter o seu sentido oposto, também. O mundo é comumente considerado como um fogo ardente. A água do pote vai extingui-lo.

[‘Quando a realidade de Brahman brilha no ser, há a aniquilação do mundo fenomênico que é envolto pelo poder de Śiva (*māyā*); da mesma forma, a queima da existência ou não-existência do agregado dos corpos causal, sutil e grosseiro’. – A. A. Ramanathan]. ◄

63. Śiva, aqui identificado com o quarto estado (cf. *Nārada-Parivrājaka Up.* V.24-25), ou seja, Brahman, é o suporte da realidade fenomenal sob a forma do universo físico (*vibhūthi*, literalmente, "grande expansão") e espaço ou éter. Para outras alegorias do fio sacrifical, coque e bastão, veja *Brahman Upaniṣad,* 8-10. ◄

65. "Libertação" aqui se refere à suspensão do universo fenomênico através do conhecimento de Brahman. Essa é uma referência à alegoria comum do bastão do renunciante, que se diz consistir de conhecimento: *Paramahaṃsa Upaniṣad*, 3. ◄

66. *Saṃtatākṣi*, literalmente, "Olho esticado", isto é, um olho que está sempre aberto, é uma referência ao olho de Viṣṇu citado no s. 62. ◄

68. O corpo de um renunciante não é queimado após a morte, então ele permanece intacto. O motivo disso, diz o texto, é porque em seu caso, o que precisa ser queimado – as impurezas da ilusão, o egoísmo, egocentrismo e afins – já foram queimados pelo fogo do conhecimento. ◄

69. O que é livre dos três fios (s. 33, nota) é Brahman. As práticas convencionais provavelmente se referem a atividades religiosas, como peregrinações recomendadas nos textos sagrados. ◄

71. [‘A tanga deve ser áspera e apertada (de modo que a energia vital se mova para cima em celibato perpétuo)’. – A. A. Ramanathan]. ◄

76. A verdadeira natureza do seu eu é Brahman, cuja realização é libertação. ◀

77. A balsa que permite que alguém atravesse o rio do *saṃsāra* é a sílaba mística OṂ. Essa sílaba é muitas vezes chamada de Brahman. Se *parabrahma* no texto for uma referência explícita a ela, então a tradução será: "equipado com a balsa do OṂ". ◀

79. O sânscrito *sarvasaṃvinnyāsaṃ* ("abandono de todas as posses") é claramente uma glosa sobre *saṃnyāsam* ("renúncia"), explicando o prefixo *saṃ* como *sarvasaṃvid* ("todas as posses"). Com o duplo significado de *saṃvid*, veja a nota dos *sūtras* 39-40. ◀